O Padre Cícero Romão

Lívio Sobral

PREFÁCIO

Ainda hoje, como no passado mais remoto, em vão nos ocuparemos de história sem focalizar, devidamente, o fator humano, dando-lhe a primazia na trama dos acontecimentos.

Grande é a atuação exercida sobre os indivíduos pelo meio social e geográfico, pelas idéias dominantes na época e predisposições atávicas. Mas essas influências, embora notaveis, jamais poderão anular a vontade e a responsabilidade dos pro-homens, em torno dos quais giram os dramas sociais e políticos, a cuja visão de conjunto damos o nome de história.

Quem, dentro de algumas décadas a mais, tomar aos ombros a tarefa de pintar Juazeiro, do Ceará, com o seu cortejo de estranha religiosidade, sentirá diante de si, do começo ao fim de sua evolução, a figura do padre Cícero, que a encampa e lhe preside às ocorrências decisivas. Quando, todavia, quiser julgá-lo, ver-se-á forçado a estudar o ambiente em que se agitou sua carreira singular, desde os componentes raciais da zona, e os seus antecedentes de família, até o clima e os mais acidentes geográficos, que atuam e condicionam os fenômenos sociais, em que se alteiam os condutores de povos. Sem isso, sairá malogrado, preliminarmente, todo o seu esforço.

Não está no plano desta obra o propósito de escrever, propriamente, a história do patriarca, ou de Juazeiro, assuntos de que se tem ocupado uma boa dezena de escritores, em livros que correm o País. Aliás, é muito cedo para

um julgamento definitivo. Ainda estão vivas muitas das personagens que se acharam em cena, ao lado do padre Cícero ou de seus adversários. E esse contacto imediato com as paixões pessoais ou de partido, que sopraram o desenvolvimento da jovem Cicerópole, tornaria impossivel a serenidade de juizo no historiador, abortando o melhor de sua tentativa.

Eis por que o presente trabalho fica sendo, antes de tudo, um ensaio crítico, se bem que modestíssimo, da mentalidade do padre Cícero. Um esboço de análise do seu espírito, através do que pude colher, em vinte anos de observação direta sobre ele, ou, ainda, através de depoimento de pessoas acima de toda suspeição.

Antes de tudo, sempre fiz, a mim mesmo, a seguinte pregunta:

— Teve em mira o padre Cícero, desde a juventude, preparar, de longe, o aparecimento da colmeia humana que é o atual Juazeiro? Previu e encaminhou, mais ou menos deliberadamente, os fatos culminantes de sua vida, inclusive o choque com os poderes civil e eclesiástico? Ou foi, bem ao contrário, arrastado na caudal das ocorrências, mais vítima do que algoz, antes recipiente do que irradiador de energias? E, em qualquer caso, terá sido um homem reto e benfazejo, ou, ao envés, um obstáculo à marcha dos sertões para a sua suspirada civilização?

Se, ao dobrar a derradeira folha destes rabiscos, o leitor tiver conseguido alguns esclarecimentos para a solução de tais quesitos, que a muitos outros tem causado tormento, dar-me-ei por indenizado do meu sacrifício.

Cumpre salientar, entre parêntese, que partilho do pensamento de Leão XIII, quando franqueou a biblioteca do Vaticano ao exame dos curiosos: "A Igreja, filha da Luz, não tem medo da luz." Outrossim, esposei sempre o sentir do padre Mateus, o apóstolo moderno do Coração de Jesús: "Quanta vontade me dá [exclama ele] de tocar fogo em certas *vidas de santos*, que nos dão a falsa idéia de terem seus heróis nascido impecaveis e de terem domado as rebeldias da natureza, sem combate e como por milagre!"

Estenda-se o conceito a todos os homens que sairam da vulgaridade e entraram pela história a dentro, e tereis o meu ponto de vista.

CAPÍTULO I

SIM E NÃO

Quem-quer que se propôs, até hoje, estudar a figura moral do patriarca de Juazeiro, sentiu-se embaraçado entre o sim do endeusamento popular e o não reprovador e quase unânime das classes pensantes.

Como quase todos os de minha geração que abriram os olhos perto dele, comecei por venerá-lo desmesuradamente. Menino ingênuo e, como tal, amigo do maravilhoso, vi nele, até os catorze anos, a expressão máxima da virtude cristã que um mortal já pudera encarnar entre nós.

Meu pai, ancião nada crédulo e assaz desiludido da humanidade, cada vez que era visitado pelo padre Cícero, ouvia-o com singular deferência e, pelos modos, equiparava-o ao padre-mestre Ibiapina, seu amigo e guia espiritual, de santa memória.

Minha mãi, reservada e um tanto cética, agarrava-se ao sentir da Igreja, que o próprio padre Cícero sempre lhe apontara como a coluna da verdade, a palavra inerravel, o intérprete seguro do pensamento divino. E, embora muito admirasse o patriarca, depois de ouvir o que se dizia pró e contra ele, rematava:

— O padre Cícero sempre nos disse que a obediência é a pedra de toque do bom espírito. Disse muitas vezes que, se um anjo de luz viesse nos ensinar doutrina diferente da que a Igreja ensina, ninguem se enganasse: o anjo de luz era o demônio disfarçado. E se um padre, ainda o mais digno, caisse na fraqueza de se afastar do pensamento da Igreja, ninguem se esquecesse que só a Igreja não pode errar na direção das consciências; e, em todo caso, ficássemos com a Igreja, nem que isso custasse a morte. Por tanto, não julgo o padre Cícero, mas fico é com a Igreja.

À margem, porem, desses juizos discretos e comedidos, havia a impressionar-me o conceito já espraiado e hiperbólico de que o ex-capelão gozava geralmente e que a contradição da minoria ainda mais realçava.

— O padre Cícero possue uma *virtude inata* [dizia-me, extasiada e ardente de fervor, uma nossa vizinha, muito lida em espiritualidade e puxada a teóloga]. Não vou lá pensar que ele seja outra pessoa divina, baixada à terra,

como querem certos fanáticos. Mas, na vida daquele padre, está-se vendo que existe um mistério. Já sabe como ele chama à própria mãi? Chama é sinhá Quinou. Por aí se pode ver que ela talvez só seja mãi dele na aparência. E, então, donde terá vindo?... O pessoal que, de toda parte, vem a Juazeiro diz que nunca viu um padre como o daquí. Quem não vê que é assim mesmo? Quando está dizendo missa, parece um anjo: não quer nunca sair do altar, como se lá já fosse o céu. Passa uma hora inteira celebrando. Quando prega, não tem enfado: ensina a verdade com todas as letras e obriga a gente a pensar no que é bom. Eu morava quase a meia legua daquí e vinha com meu povo, todos os dias, à igreja. Vinha à missa da manhã e, na quaresma, vinha tambem à explicação do Evangelho, à boca da noite. Ninguem tinha vontade de comer, tão depressa passava o tempo! E — veja bem — vinha era padre de fora para visitar e ajudar o daquí. E aquele que vinha uma vez ficava vindo, naturalmente por que achava o que ver...

Se os adultos atilados se exprimiam assim, maior era o exagero de conceituação na população infantil:

— *Seu* padre Cícero fala com Deus [confiava-me, convencido, um meu colega de escola, dos mais sisudos]. Fique sabendo que ele fala com Deus, assim como eu estou lhe falando. No mundo, há dois padres santos: o papa em Roma e o padre Cícero em Juazeiro.

— Vocês vivem muito enganados com este padre [proclamava, a meia voz, do alpendre de sua casa de sítio, o major Rocha, velho conterrâneo, desabusado e livre pensador]. O padre Cícero começou missionário, vai ficando milionário e acabará revolucionário. Aquele afã não é mais nem menos do que um jeito novo de pegar gente para o próprio partido. Quando se sentir forte, o estouro será medonho, e triste de quem morar aquí!...

Assim discreteava o major Joaquim José da Rocha, que, aliás, não era homem sem roda. Contavam-se por dezenas os que, alí mesmo, dentro do microcosmo juazeirense, liam-lhe pela cartilha e gargalhavam, com filosófica altaneria, das *santidades* locais. Gargalhavam e glosavam desapiedadamente, levando à bulha, às vezes, a própria doutrina da Igreja.

A todas essas vozes dissonantes o patriarca se conservava sistematicamente alheio. Nem procurava os contradi-

tores, a título de reconciliação ou ajuste de contas; nem fazia menção dos mesmos, a não ser de longe em longe e em tom displicente. Dir-se-ia que, em vez de aborrecê-los, comprazia-se em conservá-los perto de si.

Se se acrescentar que, no Juazeiro de outrora, como em toda parte, existia ainda, entre os habitantes, uma boa porcentagem de indiferentes, que não se pronunciavam sobre o caso religioso da terra, mas viam no padre Cícero um elemento benfazejo, terei enumerado os diversos naipes em que se dividia a opinião pública urbana, nos tempos de minha infância.

Pode-se afirmar, todavia, que setenta por cento da localidade tinham o ex-capelão em grande conta e lhe obedeciam como a um pai das eras bíblicas.

* * *

Chegou, porem, a adolescência e com ela comecei a ver o universo sob prismas deslumbrantes e não pressentidos.

A razão passou a pedir-me conta de minhas crenças e, dentro em pouco, secundada pelo ambiente de colégio, não raro zombeteiro e irreverente, atirou no chão, enojadamente, os ídolos de barro que a fantasia me hospedara no espírito.

Foi-se, na correnteza fatal, muita cousa querida, figurando nesse acervo o primitivo conceito do padre Cícero.

A princípio quis reagir contra a onda iconoclasta. Não Ele não era um padre somenos, um rebelado sem consciência, um vivedor sabidório, conforme insinuavam.

Depois, capitulei. É bem verdade que gota d'agua tambem cava pedra. Dentro de dois anos, a veneração de outrora estava convertida em uma espécie de desprezo. Envergonhava-me de ser da terra onde ele vivia. Achava-o, por minha vez, excessivamente compenetrado do seu valor pessoal, em contraste com a verdadeira humildade evangélica. E, de volta a casa, por ocasião das férias, abstinha-me, o mais que podia, de ir vê-lo, fazendo-o quase somente para me despedir e ainda a instâncias de minha mãi.

Ia e era recebido afetuosamente. Em meio à conversa, saía a tradicional bandeja de café, o café mais saboroso que se tomava no vale do Cariri. E, no final, quando eu lhe apresentava as minhas despedidas por ter de voltar ao estudo, jamais lhe esquecia que éramos pobres: metia-me na

mão uma cédula de vinte mil réis, senão duas ou três desse valor.

Isso não obstante, a ojeriza perdurava, para isso concorrendo o juizo pejorativo que a *élite* mental do País formara a seu respeito.

Houve, porem, entre outros fatores, um, que decidiu da modificação dos meus sentimentos.

Foi a certeza, adquirida paulatinamente, pela reiterada observação *in anima vili*, de que o impenitente rebelado era, antes de tudo, um visionário. Como tal, devia ser um doente, e bem problemático o seu grau de responsabilidade, do ponto de vista teológico.

(Continua)